

QUESTÕES DE AMOR E DE DESILUSÃO: *ROMEU E JULIETA* NO CONTO “ANTES QUE CASES”, DE MACHADO DE ASSIS

Profa. Dra. Adriana da Costa Teles¹ (USP/FAPESP)

Resumo:

Em seu processo de escrita, Machado de Assis, como sabemos, retoma constantemente autores e obras conhecidos em um trabalho intertextual que recontextualiza o referente para originar novas possibilidades de significação. É isso o que vemos no conto “Antes que cases”, publicado no Jornal das Famílias, em 1875. Nessa narrativa, Machado retoma Romeu e Julieta, de Shakespeare, colocando situações definidoras de seu entrecho em um contexto bastante adverso e a partir de um tratamento que ironiza e subverte o material canônico. A proposta deste trabalho é analisar a presença da tragédia no conto em questão, buscando discutir de que maneira Machado se vale de referenciais da peça para, em diálogo com ela, criar um contexto outro, que expressa como concebe algumas questões relativas ao amor e ao relacionamento amoroso em seu mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Machado de Assis, Shakespeare, conto, *Romeu e Julieta*, amor romântico

1 Introdução

O conto “Antes que cases”, publicado por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, no ano de 1875, apesar de ser uma narrativa pertencente àquela que é referida como sendo a primeira fase do escritor carioca, anterior às *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), portanto, deixa evidente um procedimento de escrita que acompanhou o autor ao longo de toda a sua carreira, ganhando ares gradativamente mais sofisticados. Trata-se do trabalho intertextual que lhe é característico e que retoma autores e obras conhecidos, importando referenciais e muitas vezes os incorporando a seu texto para dar origem a um diálogo crítico em que predomina uma hermenêutica muito pessoal.

No conto em questão, além da referência ao romance *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, salta aos olhos a reiterada citação da tragédia de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. A peça, a maior celebração do amor romântico da literatura ocidental, nos dizeres de Harold Bloom, no entanto, tem alguns de seus elementos característicos recontextualizados na narrativa de Machado. Para além da ironia com relação ao modelo, o que por vezes confere teor cômico à narrativa do escritor brasileiro, o procedimento coloca o referente em novo contexto e espaço para originar possibilidades renovadas de significação a partir do referencial canônico. Desse modo, o conto, que aparentemente é apenas mais uma das muitas histórias que o *Jornal das Famílias* publicou, mostra-se extremamente interessante de ser observado. Afinal, além de colocar em cena um procedimento inovador para a época, Machado mostra, por meio dessa narrativa, um diálogo promissor com elementos característicos da tragédia de Shakespeare, o que aponta não apenas para um posicionamento crítico frente ao referencial, mas também para com percepções idealizadas relativas ao amor e às relações amorosas, que surgem sob nova

ótica em seu texto¹. São questões como essas que pontuaremos nas próximas páginas.

2 Questões de amor e de desilusão...

“Antes que cases” narra a história de Alfredo Tavaves, jovem extremamente romântico, que imagina ter encontrado na viúva Ângela a mulher de seus sonhos. No entanto, sua história de amor com a moça se revela um fracasso. Vamos a ela.

Alfredo tinha vinte e cinco anos, era “bonito e celibatário, não rico, mas vantajosamente empregado” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 83) e sonhava encontrar sua amada e viver um grande e profundo amor. Com tendências excessivamente idealizantes, o rapaz “povoara o seu espírito de Julietas e Virgínias, e aspirava noite e dia viver um romance como só ele o podia imaginar” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 83). De maneira um tanto quixotesca, Alfredo irá em busca de uma mulher que possa ser acolhida por suas expectativas românticas e quase pueris. Estas parecem ironicamente anunciadas como tal pelo próprio narrador, que frisa, na passagem citada, que o romance que Alfredo aspirava viver só ele podia imaginar, ou seja, ninguém mais... De fato, o rapaz era um espírito sonhador, cuja “viveza da imaginação e a leitura de certos livros lhe desenvolveram o germen que a natureza lhe pusera no coração”(MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 83).

Certa noite, Alfredo subia pela Rua da Quitanda, aborrecido e impaciente, quando viu a viúva, que esperava que um criado lhe abrisse a portinhola de um carro. Ao avistar de perfil e à meia luz o belo rosto de Ângela, Alfredo ficou admirado, pasmo, em êxtase, segundo as palavras do próprio narrador. Atraído pela jovem, ele a segue em um tálburi e descobre, então, que ela morava em Matacavalos. O rapaz passa a fazer uma espécie de vigília nos arredores de sua casa e termina por se mudar para a casa ao lado da sua, na tentativa de se aproximar da amada e finalmente conquistá-la. Depois de um período, o rapaz apaixonado começa a ver progressos em suas investidas.

Após olhares e cartas trocadas, Alfredo marca um encontro no jardim, “ao pé da cerca”, com Ângela. O encontro, como assinala o narrador, era perfeitamente desnecessário, visto que a viúva era uma mulher livre, “não tinha de quem esconder os seus amores”(MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 98). Observamos que, nesse momento, a tragédia de *Romeu e Julieta* é novamente lembrada: “Todavia, o namorado insistiu na entrevista do jardim, que ela recusou a princípio. A entrevista entrava no sistema poético de Alfredo, era uma leve reminiscência da cena de Shakespeare” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 98). O encontro, como vemos, é contrário ao desejo da viúva, mas, sim, parte de uma espécie de semântica amorosa dentro das concepções do rapaz e retoma situações clássicas de histórias de amor, como a eventual necessidade de esconder o relacionamento, de driblar adversidades e enfrentar obstáculos para a união, o que um encontro às escondidas no jardim bem retoma; como seria de se esperar ele se dá à noite, “depois das ave-marias”. A leitura da cena em questão nos leva a perceber que, mais do que uma reminiscência da peça inglesa, a passagem recupera de maneira irônica alguns elementos primordiais da famosa cena do jardim da peça de Shakespeare, que é, então, citada novamente, estabelecendo com ela uma relação que poderia ser lida nos termos da paródia.

¹ Convém observar, aqui, que esse procedimento de Machado com relação à tragédia de *Romeu e Julieta* se repete em outros textos de sua autoria. O caso mais evidente talvez seja o que se dá em seu último romance, *Memorial de Aires* (1908). O resgate irônico que o escritor faz da tragédia nessa narrativa foi analisado por nós em dois trabalhos anteriores: “Romeo and Juliet in Machado de Assis’ last novel: shakespearean tragedy at the end of nineteenth century?” (2007) e “Machado de Assis e Shakespeare: reflexões sobre o trágico” (2010).

A cena é longa, mas merece ser citada:

- Juras então que me amas?
— Juro.
— Até à morte?
— Até à morte.
— Também, eu te amo, minha querida Ângela, não de hoje, mas há muito, apesar dos teus desprezos...
— Oh!
— Não direi desprezos, mas indiferença... Oh! Mas tudo lá vai; agora somos dois corações ligados para sempre.
— Para sempre!
Neste ponto ouviu-se um rumor na casa de Ângela.
— Que é? perguntou Alfredo.
Ângela quis fugir.
— Não fujas!
— Mas...
— Não é nada; algum criado...
— Se dessem por mim aqui!
— Tens medo?
— Vergonha.
A noite encobriu a mortal palidez do namorado.
— Vergonha de amar! exclamou ele.
— Quem te diz isso? Vergonha de me acharem aqui, expondo-me às calúnias, quando nada impede que tu...
Alfredo reconheceu a justiça.
Nem por isso deixou de meter a mão nos cabelos com um gesto de aflição trágica, que a noite continuava a encobrir aos olhos da formosa viúva.
— Olha! o melhor é vires à nossa casa. Autorizo-te a pedir a minha mão.
(...)
— Agora, adeus!
— Ainda não! exclamou Alfredo.
— Que imprudência!
— Um instante mais!
— Ouves? disse ela prestando o ouvido ao rumor que se fazia na casa.
Alfredo respondeu apaixonada e literariamente:
— Não é a calhandra, é o rouxinol!
— É a voz de minha tia! observou a viúva prosaicamente. Adeus...
— Uma última coisa te peço antes de ir à tua casa.
— Que é?
— Outra entrevista neste mesmo lugar. (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 98-99).

O sistema poético de Alfredo, como vemos, está em descompasso com o da viúva. Alfredo parece estar completamente só em suas aflições românticas e quase trágicas. As juras de amor e as promessas de união eterna de seus corações são acompanhadas por certa frieza indiferente de Ângela, que limita-se a repetir quase mecanicamente às exaltações amorosas do amado, ansiosa por terminar o encontro. Trata-se de um clamor unilateral que acaba por evidenciar o quanto os anseios de Alfredo estão fora de lugar e de contexto.

O namorado fica incomodado com a fuga repentina da viúva, que “libertando a sua mão das mãos do namorado que a retinha com força, (...) correu para casa” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 99), no entanto, a ligeira frustração não é suficiente para que Alfredo

questione sua própria postura. Ao final do encontro:

Alfredo ficou triste e alegre ao mesmo tempo.

Ouvira a doce voz de Ângela, tivera nas suas a sua mão alva e macia como veludo, ouvira jurar que o amava, enfim estava autorizado a pedir-lhe solenemente a mão.

A preocupação porém da moça a respeito do que pensaria a tia afigurou-se-lhe extremamente prosaica. Quisera vê-la toda poética, embebida no seu amor, esquecida do resto do mundo, morta para tudo o que não fosse o bater do seu coração.

A despedida sobretudo pareceu-lhe repentinamente demais. O adeus foi antes de medo que de amor; não se despediu, fugiu. Ao mesmo tempo esse sobressalto era dramático e interessante; mas por que não conceder-lhe segunda entrevista? (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 99-100).

Ângela, como seria de esperar, resiste a novo encontro, a seu ver completamente sem sentido. A situação que se estabelece já assinala para a futura frustração de Alfredo, que não percebe o desacordo de suas expectativas não apenas com relação à viúva, mas também com o mundo prático. Isso fica evidente quando encontra o amigo Tibúcio e lhe conta sobre o noivado:

Aqui fez Alfredo um novo hino em louvor das qualidades eminentes e raras da noiva e pela centésima vez defendeu a vida romanesca e ideal. Tibúcio observou gracejando que lhe era necessário primeiro suprimir o bife que estava comendo, observação que Alfredo teve a franqueza de achar descabida e um pouco tola. (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 101)

Ao final de três meses, Alfredo se casa com Ângela. No entanto, após o casamento, a mulher se revela completamente outra. Livre da posição de viúva, a moça volta a querer frequentar a sociedade assiduamente, indo a bailes e teatros todo o tempo, o que se anuncia já na lua de mel do casal:

Casados os dois namorados foram passar a lua de mel na Tijuca, onde Alfredo escolhera casa adequada às circunstâncias e ao seu gênio poético. Durou um mês esta ausência da corte. No trigésimo primeiro dia, Ângela viu anunciada uma peça nova no Ginásio e pediu ao marido para virem à cidade.

Alfredo objetou que a melhor comédia deste mundo não valia o aroma das laranjeiras que estavam florindo e o melancólico som do repuxo do tanque. Ângela encolheu os ombros e fechou a cara. (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 102)

Alfredo curvou-se aos desejos da esposa e interrompeu a lua de mel. É curioso observar que a nova peça do Ginásio aborreceu o marido na proporção em que agradou a mulher. A situação se torna mais curiosa, ainda, quando nos lembramos do perfil das peças representadas no Ginásio Dramático. O Ginásio, bastante conhecido no Rio de Janeiro da época, mostrava uma nova maneira de conceber o teatro, encenando comédias realistas, e rompendo com o velho romantismo das peças encenadas no Teatro São Pedro de Alcântara. Desse modo, a apreciação ou não da peça assistida pelo casal é mais reveladora do que parece em princípio. Afinal, como afirma João Roberto Faria:

A comédia realista, de um modo geral, é uma peça séria, quase um drama, poder-se-ia dizer, uma vez que não tem como objetivo provocar o riso, mas descrever e discutir os costumes. Assim, em princípio estão fora de seu âmbito as situações violentas, as tensões agudas, a paixão arrasadora, os aspectos, enfim, que foram os mais característicos da dramaturgia romântica, bem como todos os recursos do chamado baixo cômico. Apenas o chiste e a ironia, formas então consideradas superiores de provocar o riso, são utilizadas pelos seus autores. (FARIA, 2001, p. 86).

O tipo de peça encenada no Ginásio, de fato, não parecia afeito ao “sistema” de Alfredo, mais propenso a tragédias românticas, paixões arrasadoras e tensões fortes, o que justifica o seu desagrado com a peça assistida e, mais uma vez, seu desacordo com o próprio tempo.

Após o casamento, Ângela, nas palavras do narrador, se revelou turbilhão: “Não havia baile a que faltasse, nem espetáculo, nem passeio, nem festa célebre, e tudo isto cercado de muitas rendas, joias e sedas, que ela comprava todos os dias, como se o dinheiro nunca devesse acabar” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 104). Em meio a isso, “Alfredo esforçava-se por atrair a mulher à esfera dos sentimentos românticos; mas era esforço vão” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 104). Ao final de cinco anos a esposa leva o decepcionado marido à falência. “E agora?” pergunta Ângela:

— Agora precisamos ser econômicos; viver como pobres.

Ângela curvou a cabeça.

Seguiu-se um grande silêncio.

O primeiro que o rompeu foi ela.

— É impossível!

— Impossível o quê?

— A pobreza.

— Impossível, mas necessária, disse Alfredo com filosófica tristeza.

— Não é necessária; eu hei de fazer alguma coisa; tenho pessoas de amizade. (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 107-108).

Alfredo, que não fica de todo descontente com falência, afinal, acredita que pelo menos teria mudado a sua situação conjugal, recebe, poucos dias depois, uma sugestão do primo de Ângela, Epaminondas, de pedir ao governo uma concessão e privilégio de minas no Mato Grosso. O primo “alcançaria tudo do ministro”. Feito o pedido,

Os papéis andaram com uma prontidão rara em coisas análogas. Parece que uma fada benfazeja se encarregava de adiantar o negócio.

Alfredo conhecia o ministro. Duas vezes fora convidado para lá tomar chá e tivera além disso a honra de o receber em casa algumas vezes. Nem por isso julgava ter direito à pronta solução do negócio. O negócio, porém, corria mais veloz que uma locomotiva. (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 109)

Publicado o decreto de privilégio das minas, Alfredo lê em um jornal, poucos dias depois, a seguinte mofina:

Mina de caroço,

Com que então os cofres públicos já servem para nutrir o fogo no coração dos ministros?

Quem pergunta quer saber. (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 110).

A ironia do narrador ao contar o defecho da falência de Alfredo, além de beirar o cômico, sugere ao leitor o tamanho ridículo de sua situação. Ora, o desenrolar do negócio é narrado de maneira a fornecer indícios de certo arranjo de Ângela com o ministro; a papelada corria de maneira rara em situações daquele tipo, como se uma “fada benfazeja” se encarregasse de adiantar o negócio; apesar da pouca amizade, ambos se frequentavam, e o negócio corria mais veloz que uma locomotiva... Convêm comentar, ainda, que a situação era de conhecimento de outras pessoas, afinal, o comentário maldoso sobre Ângela e o ministro sai publicado no jornal, o que nos leva a crer que Alfredo fazia papel de tolo frente a muitos com os quais convivia.

Conclusão

A maioria das histórias de amor tem fim quando os amantes, depois de inúmeros obstáculos e atropelos, finalmente se casam. Eles viveriam, então, felizes para sempre. “Antes que cases”, por outro lado, tem como ponto decisivo para o desenvolvimento da trama os acontecimentos e as frustrações que ocorrem depois do casamento. Trata-se, de fato, da história de uma desilusão amorosa. Machado inverte, portanto, uma situação típica das histórias de amor. Inversão semelhante, aliás, se dá ao colocar o homem como o ser apaixonado e iludido. Afinal, o mais comum, pelo menos naquela época, é que o público feminino tivesse ilusões do teor das que tinha Alfredo, principalmente se considerarmos a maneira como as mulheres eram educadas no século XIX, destinadas quase que unicamente para o casamento e para a maternidade, sempre rodeadas de romances românticos. O que interessa assinalar, no entanto, é que Machado opta por quebrar com uma maneira mais tradicional de abordar questões do amor; rompendo com visões estereotipadas e cristalizadas costumeiramente presentes nas histórias românticas.

Romeu e Julieta, por sua vez, “incomparável, seja na própria obra shakespeariana, seja em toda a literatura mundial, como visão de um amor recíproco e incondicional” (BLOOM, 2000, p. 126), ao ser integrada de maneira irônica à narrativa atua justamente no sentido de sugerir ao leitor – aliás, principalmente à leitora, pois estamos diante de uma narrativa publicada em um periódico direcionado ao público feminino – que eventualmene reveja sua postura no que diz respeito às relações amorosas. Afinal, a história divertida e quase penalizante de Alfredo, que povoara o seu espírito de Julietas e Virgínias e queria viver um encontro no jardim à semelhança daquele que Shakespeare imaginou para os seus amantes, aponta para a experiência frustrante de alguém que busca encontrar no mundo prático um determinado modelo de amada – intensa, apaixonada e verdadeira – e de amor – profundo e cúmplice –, do qual *Romeu e Julieta* é exemplo e que a experiência lhe mostra ser distante da realidade.

Machado, ao trazer o referencial shakespeariano para seu texto, é importante enfatizar, não diminui, no entanto, o modelo, como poderia parecer. Afinal, a tragédia permanece como representação sublime do amor puro e incondicional. Porém, ele coloca a expectativa de viver um grande amor em um contexto no qual as relações amorosas podem receber outras motivações, como posição social, *status* e interesses financeiros. Desse modo, o ridículo de Alfredo está justamente na sua ingenuidade frente àquele mundo, onde o amor puro, eterno e incondicional é parte de um modelo que não funciona na prática, regulada, muitas vezes, por interesses outros, que colocam os sentimentos em segundo plano.

A experiência decepcionante de Alfredo é, desse modo, a de perceber, pelo áspero choque com a realidade, a impossibilidade de encontrar, no mundo prático, as expectativas idealizadas que carregava e o ridículo de procurar na prosa cotidiana a poesia cristalizada que dá conta do envolvimento amoroso: “Fui à cata de poesia e acho-me em prosa chata e baixa” (MACHADO DE ASSIS, 1956, p. 110), conclui ao final do conto. Percebe-se, desse modo, que, apesar de aparentemente o conto não resgatar o caráter trágico da peça de Shakespeare, mas sim ironizar alguns de seus referenciais, a narrativa não deixa de ter, em si, certo traço de tragicidade. Na tentativa de viver um amor à semelhança de seu “sistema poético”, Alfredo se dá conta de que os princípios nos quais baseava suas crenças não condiziam com a realidade vivida por ele, o que coloca em choque duas situações: o que idealiza com o que encontra. Resta a ele a decepção e ao leitor acostumado com ideais românticos o convite para ler o conto “antes que case”.

Referências Bibliográficas

- 1] BLOOM, H. *Shakespeare: a invenção do humano*. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- 2] FARIA, J. R. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- 3] MACHADO DE ASSIS. *Contos Esparsos*. Ed. R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1956.
- 4] TELES, A. da C. “Romeo and Juliet in Machado de Assis’ last novel: shakespearean tragedy at the end of nineteenth century?” *Polifonia*, Cuiabá, v.14: p. 95-111, 2007.
- 5] _____. “Machado de Assis e Shakespeare: reflexões sobre o trágico”. *Espéculo*, Madri, n. 45, 2010.

ⁱ Autor

Adriana da Costa TELES, profa. Pós-Doutoranda
Universidade de São Paulo (USP/FAPESP)
driteles@ig.com.br